Valor ECONÔMICO
Publicado em 26/04/2022 - 05:58

Elon Musk compra Twitter por US$ 44 bi

Internet Negócio desperta preocupação sobre a rede social, que tem 217 milhões de usuários

Elon Musk compra Twitter em uma operação de US$ 44 bilhões

Daniela Braun e Flávya Pereira
De São Paulo

O conselho de administração do Twitter aceitou ontem a oferta de Elon Musk para assumir a empresa, numa transação avaliada em US$ 44 bilhões. O acordo, uma das maiores aquisições da história da tecnologia, despertou preocupações sobre o futuro da rede social. Musk, o homem mais rico do mundo, se autodeclara um "absolutista da livre expressão" e defende menos moderação de conteúdo nas redes. A posição, segundo críticos, abre espaço para a disseminação de discursos de ódio e desinformação na mídia social ao reduzir as ferramentas de controle.

Nos Estados Unidos, a Casa Branca reafirmou a inquietação do presidente Joe Biden em relação à influência das companhias de tecnologia na sociedade. "Não importa quem possui ou administra o Twitter, o presidente se preocupa muito com o poder das grandes plataformas de mídia social; com o poder que elas têm sobre nossas vidas cotidianas", afirmou Jen Psaki, secretária de imprensa da Casa Branca. Biden, disse ela, "argumenta há muito tempo que as plataformas de tecnologia devem ser responsabilizadas pelos danos que causam".

Os republicanos aplaudiram o acordo, numa aposta de que a conta de Donald Trump será readmitida no serviço. O ex-presidente foi banido depois de a direção do Twitter considerar que suas postagens na rede estimularam a invasão do Congresso americano por simpatizantes em 6 de janeiro do ano passado.

No Brasil, o ministro das Comunicações, Fabio Faria (PP), parabenizou Musk pela compra do Twitter. O presidente Jair Bolsonaro (PL) compartilhou, em seu perfil, mensagem de Musk na qual o bilionário diz esperar que seus "piores críticos permaneçam na rede social porque isso é o que significa liberdade de expressão".

Ao longo do dia, o debate ganhou força. "A liberdade de expressão é essencial, mas não é um direito absoluto", disse Luca Belli, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV), sobre os riscos de um enfraquecimento da mediação de conteúdo na plataforma (ver abaixo).

Para Rafael Evangelista, conselheiro do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), as declarações de Musk "já não são mais simbólicas". Ao se tornar o "dono solitário" da empresa, alertou o especialista, "o controle da desinformação e de discursos de ódio, que já era feito de forma tímida pela administração anterior, pode se tornar ainda menor".

A posição de Musk, em defesa de uma liberdade de expressão sem restrições, pode, na prática, significar um retrocesso em relação a valores fundamentais, ao permitir o tráfego de ideias capazes de minar a democracia e estimular racismo, misoginia e outras formas de preconceito, advertem especialistas. "Moderar não significa cercear ou censurar opiniões, mas evitar mentiras flagrantes que podem colocar em risco a vida das pessoas, como as 'fake news' sobre a covid-19", afirma Evangelista.

A venda do Twitter foi aprovada por unanimidade pelo conselho de administração da empresa. A expectativa era que a companhia rejeitasse a oferta, que Musk fez no dia 14, sem dizer como pretendia pagar pelo negócio. Um dia após a oferta não solicitada, o Twitter adotou uma pílula de veneno, mecanismo projetado para dificultar ofertas hostis. Neste caso, para impedir que Musk alcançasse participação superior a 15%.

A rede social mudou sua postura nos últimos dias, depois que Musk detalhou elementos de seu plano de financiamento. Na quinta-feira, dia 21, ele revelou que tinha US$ 46,5 bilhões em recursos disponíveis. As ações do Twitter deram um salto e a diretoria da empresa abriu as portas para as negociações.

Na sexta-feira, 22, Musk se reuniu em particular com acionistas da empresa para exaltar as virtudes de sua proposta enquanto repetia que o conselho tinha uma decisão de "sim ou não" a tomar, segundo disseram à Dow Jones pessoas próximas ao assunto.

A ofensiva de Musk começou no início do mês, quando se tornou público que o CEO da Tesla e da SpaceX tinha comprado 9% do capital do Twitter, tornando-se seu maior acionista individual.

Musk vai pagar US$ 54,20 em dinheiro por ação ordinária. O valor representa um prêmio de 38% em relação ao preço de fechamento em 1º de abril, último pregão antes de vir a público a entrada de Musk no capital da empresa.

Ontem, as ações do Twitter fecharam em alta de 5,66% na Bolsa de Nova York, cotadas a US$ 51,70.

O negócio está sujeito à aprovação de acionistas e órgãos reguladores e a previsão é que seja concluído ainda este ano.

Lançada como "Twttr", em julho de 2006 , a rede de mensagens curtas alcançou 217 milhões de "usuários ativos diários monetizáveis" (mDAU, na sigla em inglês) no quarto trimestre de 2021, com avanço de 13,02% sobre os 192 milhões registrados um ano antes. No Brasil, os mais de 19 milhões de usuários compõem a quarta maior base da rede no mundo, segundo dados da empresa de análise Statista.

Em sua conta no Twitter, Musk escreveu ontem que "a liberdade de expressão é a base de uma democracia em funcionamento, e o Twitter é a praça da cidade digital onde são debatidos assuntos vitais para o futuro da humanidade". E acrescentou que quer aprimorar o produto com novos recursos, abrir o código dos algoritmos e combater os robôs de spam.

Um dos movimentos mais dramáticos planejados por Musk é afastar a companhia do olhar dos investidores ao retirá-la da bolsa. "O Twitter precisa ser transformado em uma companhia de capital fechado", disse ele recentemente. "O Twitter tem um potencial extraordinário. Eu vou destravá-lo."

O Twitter tem tido um desempenho anêmico no mercado de ações numa era de enormes retornos para empresas de tecnologia. Em oito anos, desde que a companhia estreou na bolsa, com ações negociadas a US$ 44,90, o valor do papel aumentou um dólar.

Musk, com mais de 82 milhões de seguidores no Twitter, costuma usar a plataforma para se pronunciar sobre qualquer assunto — de viagens espaciais a criptomoedas. Ele já usou a rede para chamar atenção sobre um conflito com a comissão de valores mobiliários americana (SEC), depois que a agência abriu uma investigação sobre algumas de suas vendas de ações.

No início do mês, depois de seus primeiros movimentos, o Twitter convidou Musk para integrar seu conselho — o que o impediria de deter mais de 14,9% das ações. O bilionário inicialmente concordou, mas depois rejeitou a oferta.

Anteriormente, Musk já sugeriu que pode demitir funcionários, fechar a sede da empresa em San Francisco e cortar a remuneração do conselho de administração. Este último passo representaria uma economia de US$ 3 milhões por ano, disse ele.

Na quinta-feira, o Twitter vai divulgar os resultados do primeiro trimestre. ***(Com agências internacionais)***

Ver mais na Página B6

Novo negócio do homem mais rico do mundo

Dados sobre Elon Musk e a compra do Twitter

AP PHOTO/MARK SCHIEFELBEIN

Trajetória de Elon Musk

Quando e onde nasceu:
1971, em Pretória, África do Sul

Onde morou e o que estudou:
Aos 12 anos desenvolve um código para videogames

Aos 17 anos, sai da África do Sul para evitar ser recrutado pelas forças armadas. Mora no Canadá e nos Estados Unidos, onde se formou em Física (Universidade da Pensilvânia)

Principais negócios:

Zip2
Empresa fundada em 1995, fornecia e licenciava software de guias metropolitanos para jornais. Vendida por US$ 305 milhões à Compaq Computer

X.com
Fundada em 1999, é um banco on-line que é fundido à Confinity e cria-se a PayPal. Musk se desentende com os sócios e perde o comando da companhia, embora seja o maior acionista. PayPal é vendida a eBay por US$ 1,5 bilhão

SpaceX
Empresa de tecnologia espacial, é fundada em 2002, quando Musk torna-se cidadão americano e já dono de uma fortuna de US$ 100 milhões

Tesla
A maior montadora de veículos elétricos do mundo da qual Musk torna-se presidente do conselho em 2004

Novo negócio

Twitter
Cotação, em US$/ação

Variações (%)

No dia	5,66 ↗
No mês	33,63 ↗
No ano	19,62 ↗

Valor de mercado
US$ 39,5 bilhões

Twitter
Uma das maiores redes sociais do mundo

Número de usuários
217 milhões

Valor da aquisição
US$ 44 bilhões

Preço por ação
US$ 54,20

Prêmio (em relação ao preço da ação em 1º de abril)
38%

Fontes: Valor Data, Twitter e Agência Globo

Falta de regras pode gerar desinformação

Denis Kuck
Do Rio

A falta de regras nas redes sociais pode gerar campanhas de desinformação e abrir caminho para a atuação de grupos criminosos. Mas o controle do que se publica nas plataformas precisa ser feito de forma refinada e cuidadosa para que não haja censura na plataforma.

A avaliação é do pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Luca Belli, especializado na área de tecnologia, ao comenta a aquisição da rede social Twitter pelo empresário Elon Musk, considerado o homem mais rico do mundo. "A liberdade de expressão é essencial, mas não é um direito absoluto", diz ele.

Musk, que diz ser um "absolutista da livre expressão", tem entre seus planos para o Twitter a revisão da política de moderação da plataforma, com mudanças na marcação de conteúdo ou suspensão de publicações.

Musk comprou o Twitter por US$ 54,20 por ação, o que representa um negócio de US$ 44 bilhões. A aquisição foi aprovada por unanimidade pelo conselho de administração da rede social, que terá seu capital fechado.

"Existem pontos como direitos autorais, discurso de ódio, mentiras, uma lista enorme de limites para a liberdade de expressão, em qualquer país do mundo, mesmo nas nações mais liberais, como os Estados Unidos", afirmou Belli.

Para o pesquisador, Musk tem uma visão empresarial aguçada e pode conseguir rentabilizar melhor o Twitter. Um dos exemplos seria o uso da plataforma para pagamentos, o que já vem sendo feito pelo Whatsapp, por exemplo.

Ao mesmo tempo, Belli diz que, a longo prazo, uma política de conteúdo totalmente livre poderia se tornar insustentável, devido ao choque com as leis de cada país. "Se uma pessoa tentar divulgar conteúdos protegidos por direitos autorais, ela vai ver que existem limites para a liberdade de expressão", afirmou o professor da FGV. "Além disso, alguns assuntos não são socialmente desejáveis, por exemplo a exploração sexual infantil", acrescenta.

O diretor de direito e tecnologia do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS), Christian Perrone, tem visão parecida. Segundo ele, o plano de Musk tem como pano de fundo a sociedade americana, que tem um conceito de liberdade de expressão bastante fluido, baseado na Primeira Emenda à Constituição. No entanto, o especialista ressalta que cada país tem suas leis e marcos regulatórios, que podem se chocar com uma política de conteúdo sem controle do Twitter.

Controle precisa ser feito de forma refinada e cuidadosa para que não haja censura nas redes sociais

"Uma liberdade de expressão irrestrita nos termos de uso, aplicada de maneira idêntica em todo o mundo, pode não estar de acordo com as normas dos países onde o Twitter está presente. Então, necessariamente, seria preciso ajustar os termos de uso, potencialmente tão amplos, à realidade de cada nação", diz Perrone.

Outro plano de Musk é aumentar o número de caracteres permitidos em cada publicação, mudança que já foi implementada no passado pela plataforma. Também pretende verificar cada usuário da rede social para evitar o uso de robôs, os chamados bots. Segundo os especialistas, a eliminação dos bots pode ser positiva, mas seria difícil fazer um mapeamento tão amplo. "Detectar um robô pode ser difícil", diz Perrone. Ao mesmo tempo, ele lembra que há bots que prestam serviços públicos, como chats para auxiliar pessoas vítimas de violência doméstica.

Mais uma mudança que pode ocorrer no Twitter é a permissão para que o usuário edite sua publicação. Segundo Claudio Miceli de Farias, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), essa opção pode fazer com que pessoas que tenham publicado conteúdo de ódio, por exemplo, mudem o texto devido a possíveis repercussões negativas ou legais.

Mais uma mudança que pode ocorrer é a abertura do algoritmo do Twitter. Teoricamente, a medida poderia trazer mais transparência ao Twitter. Os algoritmos são usados pelas redes sociais para direcionar conteúdo, mas seu mecanismo não é totalmente aberto.

"Se alguém entende a fórmula do algoritmo, seria possível prever para quantas pessoas um tuíte vai aparecer, para quais pessoas, qual sua viralidade. Torna-se possível preparar publicações para alcançar mais pessoas. O direcionamento de mensagens hoje é possível, mas não é garantido. Saber exatamente o que o algoritmo faz é um segredo de mercado", explica o professor do Instituto Tércio Pacitti e do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da UFRJ.

Com o sistema aberto, seria mais fácil fazer propaganda de desinformação, por exemplo. "A questão é uma faca de dois gumes", diz Farias.

Perrone, do ITS, afirma que a transparência é bem-vinda, mas "entregar as regras do jogo" poderia fazer com que usuários manipulem normas que existem justamente para proteger as pessoas e grupos vulneráveis.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.